

Patrícia França

**“Livros para os leitores”<sup>1</sup>:  
a atividade literária e editorial de Benjamim Costallat  
na década de 1920**

Mestranda do PPGHIS-UFRJ  
E-mail: patricia\_frança86@  
hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo possui por objetivo identificar as principais características textuais e tipográficas da produção literária e editorial de Benjamim Costallat, destacando sua preocupação em atingir um amplo público leitor no Rio de Janeiro dos anos 1920. Costallat foi um dos escritores cariocas de maior sucesso e prestígio durante esta agitada década e se tornou um dos mais importantes editores do período ao inaugurar, em 1923, a polêmica editora Costallat & Miccolis, pela qual publicou livros de sua autoria e de escritores famosos por narrarem o submundo da modernidade carioca. Ao possuir como preocupação basilar a recepção do texto, o escritor-editor buscou dedicar a seus livros um tratamento que lhes tornassem atraentes para um amplo público, seduzindo milhares de leitores na capital republicana.

**Palavras-chave:** Benjamim Costallat – literatura - público leitor

**Abstract:** This study has aimed to identify the main features textual and typographical literary production and publishing of Benjamim Costallat, highlighting its concern to achieve a wide readership in Rio de Janeiro in the 1920s. Costallat was one of Rio's most successful writers and prestige during this hectic decade and became one of the most important publishers of the period to usher in 1923, the controversial publisher Costallat & Miccolis, by which publish books of his own and famous writers by narrate the bas fond style of modernity. Overarching concern as to have the reception of the text, the writer-editor sought to dedicate his books a treatment that they become attractive to a wide range of readers, luring thousands of readers in the republican capital.

**Key-words:** Benjamim Costallat – literature – readership

Enviado em 25 de julho de 2010  
e aprovado em 24 de setembro  
de 2010

---

1 “Nosso ilustre redator Sr. Benjamim Costallat”. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22/04/1924.

Benjamim Delgado de Carvalho Costallat foi um dos escritores mais lidos na cidade do Rio de Janeiro durante a agitada década de 1920. Atuando de forma regular na imprensa carioca, tornou-se famoso pelas polêmicas crônicas sobre o submundo da então capital republicana.

Foi no jornal *O Imparcial* que, em 1918, Costallat iniciou sua carreira literária, assinando críticas sobre os espetáculos musicais apresentados no Teatro Municipal. Seus primeiros textos provocaram grande polêmica, seja por ironizarem o talento e o prestígio de artistas franceses consagrados, como André Brulé, seja por elogiarem atitudes tão criticadas pelos *snobs* cariocas, como a da bailarina russa Anna Pavlova de iniciar sua turnê no Nordeste, longe da Avenida. Em crítica assinada em 1961 sobre escritores populares nos anos 1920 e 1930, Brito Broca comentou este lado polêmico de Costallat que lhe teriam rendido tantas inimizades.

Criticar Brulé, nessa época, menosprezar-lhe a elegância, que embasbacava a nossa *jeunesse dorée*, era, sem dúvida, uma ousadia, capaz de causar escândalo. Costallat se atrevera a dissecar o ídolo. Atitude semelhante manifestou com relação à temporada lírica, mostrando o espírito essencialmente comercial que lhe presidia à organização, e legítimos valores. Esse julgamento desassombrado chegou a provocar ameaças de uma espécie de carbonarismo internacional, que constituía a claque das companhias líricas em excursão pela América do Sul. É pelo menos o que o autor nos informa numa das páginas do livro em questão.<sup>2</sup>

Com o sucesso da coluna - intitulada Da Letra F no 2, em alusão à cadeira ocupada por Costallat no Teatro Municipal -, as críticas foram reunidas e publicadas sob a forma de livro. Eis a irônica apresentação feita pelo autor do livro:

O pout-pourris que ora publico, tem a mesma utilidade de um calendário retrospectivo e comentado em que aqueles que se interessam no movimento artístico poderão lembrar-se do que o Rio conseguiu importar no ano de 1918, em matéria de arte e de artistas, e o que eu observei de minha cadeira letra F no. 2 [...] Quanto às minhas idéias sobre artistas, compositores, autores, instrumentistas, atores, cantores e imbecis, não aconselho a ninguém que as adote. Têm-me trazido muitas contrariedades e inimigos. Até o conhecimento de meu pobre francês, que em 10 anos de Paris, custei tanto a aprender, me quiseram negar. Não admirando loucamente o Sr. Brulé não era compreensível que eu fosse um familiar da língua de Molière. (COSTALLAT, 1919:15)

Em 1919, Costallat foi contratado enquanto cronista pela *Gazeta de Notícias*. A partir de então, passou a atuar de forma regular na imprensa carioca, assinando polêmicos textos sobre aspectos mundanos da cidade do Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, publicou o polêmico livro de contos *A Luz Vermelha*, “uma corrida noturna por esse

2 BROCA, Brito. Costallat: uma época. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 08/03/1961.

inferno de dores, de desvairamentos, de gozos trágicos que é a vida subterrânea da nossa cidade”<sup>3</sup>. A nova obra representou um grande sucesso de crítica e venda, inscrevendo o jovem jornalista entre os maiores nomes da literatura brasileira do período.

Após o sucesso de *A Luz Vermelha*, Benjamim Costallat dedicou-se à elaboração de livros de contos e crônicas, publicando em média um livro a cada ano (HOFFBAUER, 2000:25). Em 1920, escreveu *Modernos*. No ano seguinte, publicou *Mutt, Jeff & Cia* e, em 1922, *Depois da Meia-Noite*. Estes livros correspondiam, em geral, a compilações de textos publicados pelo autor na imprensa.

Seus textos caracterizavam-se por uma linguagem ágil e objetiva, marcada pelas frases curtas e diretas e pelos vocábulos estrangeiros, notadamente franceses e norte-americanos, em consonância com o ritmo frenético de vida e com o linguajar cosmopolita da sociedade carioca moderna. Seu estilo literário provocou grande polêmica, sendo-lhe dirigidas inúmeras críticas. Tristão de Athayde, em dezembro de 1919, criticou severamente a “literatura atropelada” de Costallat em sua estréia como contista.

É mais um fruto da literatura atropelada. [...] Escrevendo sem repouso nem ponderação, ignora a calma e a medida. É um livro de nervos, de nervos exasperados e incontentáveis.

[...] Mergulhado, quase sempre, em um mar de verbalismo, escreve às vezes em uma algaravia inadmissível. [...] Sente-se que a linguagem e a técnica só lhe merecem atenção, para fugir ao natural. Procura apenas impressionar pela expressão extremada das coisas ou pela singularidade de expressão.

Não haverá nessa forma de arte, ou de artifício, muita coisa do Sr. João do Rio, naturalmente com muito menos brilho e segurança? Sobram defeitos no livro<sup>4</sup>.

Outro importante intelectual da época, José Oiticica, também reprovou a linguagem empregada pelo literato em seu livro de contos.

O pior de tudo, porém, é a linguagem de *A luz vermelha*, inçada de erros, gráficos, sintéticos e léxicos. Se o Sr. Costallat é artista deve prezar, antes de tudo, o instrumento que maneja. Um pianista de alta escola não se anima a tocar em público num piano de segunda mão. Como escrever, portanto, em sintaxe da Praia Grande?<sup>5</sup>

Carlos Rubens, por sua vez, atribuíu esta despreocupação de Costallat com a gramática canônica à sua inexperiência e sublinhava que o jovem escritor, “um esta- ta que à literatura brasileira pode dar obras de eterno esplendor e perene formosura”, saberia superar tais deslizes em suas futuras obras. Ainda segundo Rubens, através de

3 NETTO, Coelho. Carta recebida por Costallat de Coelho Netto. In: *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 20/12/1919.

4 ATHAYDE, Tristão de. Benjamim Costallat – A luz vermelha, ed.N.Viggiani. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15/12/1919.

5 OITICICA, José. Crônica literária: Benjamim Costallat – A luz vermelha. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/12/1919.

uma prosa “nervosa, cheia de curvas bruscas”, Costallat se mostrava um “psicólogo e um comentador fino da sociedade atual, (...) feita de desequilíbrio e pecados” e “na sua desorganização verbal [fixava] almas, traçando perfis de sonho e de martírio, ironizando e encantando”<sup>6</sup>.

Paulo Silveira, em artigo sobre o polêmico romance *Mademoiselle Cinema* (1923), exaltava o “estilo a galope” dos livros do autor que “empolgam a atenção pela facilidade simples da prosódia e pela naturalidade dos diálogos”.

Benjamim Costallat tem vigor no estilo, tem músculos na alma. A sua prosa conquista a leitura porque não tem curvas sentimentais, é uma prosa reta que nos leva com rapidez ao fim almejado. Nada de circunlóquios românticos, de paradas líricas. Benjamim Costallat escreve de automóvel e por isso se aproxima muito de nós, futuristas, que escrevemos de aeroplano.

Ele é um escritor bem nutrido e que transpira saúde. É um homem do seu tempo, da sua época. Vive todos os minutos com emoção e com arte, americanamente, sem se preocupar com a gramática e com os acadêmicos.<sup>7</sup>

Em crítica literária publicada pela *Gazeta de Notícias* sobre o livro *Mutt, Jeff e Cia*, ressurgiu o tema do ritmo acelerado que Costallat imprimia ao seu livro através de uma linguagem cinematográfica, direta, ágil e despreocupada com regras gramaticais canônicas.

Benjamim Costallat, com a sua mocidade exuberante, os seus arrojados e a sua soberba indisciplina ao “cânon” dos “eunucos das letras”, na frase cortante, mas justa de Theophile Gautier; no seu combate à crítica estéril e fósil, é um irreverente, um vencedor, que maneja as armas da inteligência e a elegância de um mosqueteiro da palavra.

[...] São duzentas e vinte e cinco páginas que se lêem de um fôlego, sentindo o influxo de seu espírito brilhante e juvenil, como se gravassem e desfilassem, em projeções rápidas e luminosas, as figuras cinematográficas que simbolizam o seu livro e as visões aladas de sua imaginação, que rebenta em flores, como uma flora do trópico.<sup>8</sup>

Além do estilo literário, os enredos escandalosos das obras de Costallat também provocavam grande polêmica. A maior parte de sua vasta produção literária – composta por mais de trinta livros, entre crônicas, contos e romances – elegia como tema a cidade do Rio de Janeiro, em seus aspectos mais cruéis e perversos. Em vibrantes páginas, eram ironicamente narradas a imoralidade e a hipocrisia reinantes na alta sociedade carioca. Criticando a sociedade de seu tempo e escrevendo sobre o submundo da capital brasileira, Benjamim Costallat tornou-se alvo de inúmeras e duras críticas, sendo acusado de maldito, pornográfico e imoral.

6 RUBENS, Carlos. A luz vermelha. In: *Actualidade*, Rio de Janeiro, 16/12/1919.

7 SILVEIRA, Paulo. Madame Tartufo. In: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16/10/1924.

8 O Livro do Dia- Mutt, Jeff & Cia., de Benjamim Costallat. In: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23/11/1921.

O uso de ilustrações também era uma importante característica de seus livros, que possuíam, em geral, capas ilustradas ou pequenas vinhetas representando acontecimentos narrados no texto. No prefácio de *Mutt, Jeff & Cia*, publicado sem ilustrações, Costallat destacou a importância da imagem para o sucesso de suas obras:

[...] sempre tive a impressão, e comigo os meus amigos literários, de ter sempre vendido bem os meus livros por causa das brilhantes capas de brilhantes artistas como o Sr. Castello, vou ver, se, mesmo sem capa, sem as brilhantes capas de brilhantes artistas como o Sr. Castello, a minha literatura é vendida (COSTALLAT, 1922:10).

Como foi visto, Costallat se insere numa categoria de escritores que se lançaram através da imprensa, como cronistas. Sodré ressalta que os jornais, enquanto empresas industriais, eram a possibilidade viável de profissionalização e de sustento para os literatos numa sociedade em que a circulação de jornais era muito maior que a de livros (SODRÉ, 1999).

A imprensa passava no início do século XX por um processo de profundas transformações. Uma delas, como destaca Brito Broca, diz respeito à decadência do folhetim em prol da crônica, mais leve e curta, condizente com as exigências da paginação, em vez dos folhetins que atravancavam o texto (BROCA, 2005).

Segundo Sodré, a generalização das relações capitalistas exigiu alterações na imprensa que passou a enfatizar a informação em detrimento da doutrinação e a destacar cada vez mais os temas policiais, esportivos e mundanos, dentre outros. No que diz respeito à literatura, além da decadência do folhetim em prol de crônicas curtas, a crítica literária se tornou cada vez mais regular e permanente. O pós-guerra é descrito como o momento de consolidação desta fase industrial da imprensa carioca, *relegando ao esquecimento a fase artesanal: um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas* (SODRÉ, 1999).

Andrea Portolomeos afirma que o estilo mais leve adotado pela imprensa empresarial correspondia a uma tentativa de aproximar o texto dos leitores, visando a públicos mais amplos e heterogêneos. Segundo a pesquisadora, Costallat utilizou o recurso da crônica jornalística para formar leitores. Além de tecer comentários sobre questões cotidianas, que permitiam uma rápida interação com o leitor, o escritor adotava em seus textos uma “linguagem telegráfica” em consonância com os aparelhos técnicos que invadiam o Rio de Janeiro naqueles anos e com o novo ritmo de vida que se impunha (PORTOLOMEOS, 2005).

Flora Sussekind também sublinha o impacto das inovações técnicas na literatura brasileira da virada do século. A menor apreensão do momento vivido e o triunfo de uma percepção distraída e superficial, consequência da absorção dos artefatos modernos na vida cotidiana, atingiram tanto leitores e espectadores quanto a maior parte dos autores daquelas décadas, como Benjamim Costallat. Sua criação literária era fruto de uma convivência diária com a imprensa empresarial, em que as ilustrações e os registros fotográficos já se encontravam em pé de igualdade com os textos escritos, alterando sua própria atividade literária.

Contornos nítidos, apenas os traços mais característicos das situações ou dos personagens enfocados, condensação no espaço caricatural apenas das informações que o tornem cômico: é pela síntese rápida e de fácil decodificação que trabalham os chargistas. E é, em parte, como eles que trabalham os romancistas-cronistas do período. Não só no desenho apressado de tipos e situações, como na singularização à beira do portrait-charge de alguns personagens. No caso de um Theo Filho ou um Benjamim Costallat, autores extremamente populares nas primeiras décadas do século XX no Brasil, tais personagens-charges são de fato a regra. Personagens – ilustrações em romances-crônicas a serem lidos apenas com meia atenção. (SUSSEKIND, 1987:107-108)

A criação literária de Benjamim Costallat deve ser pensada, portanto, como fruto da imprensa empresarial carioca dos anos 1920 que, buscando atingir uma ampla gama de leitores, sobretudo cidadãos, investiu em crônicas mundanas escritas numa linguagem objetiva e direta. Hoje esquecido, Benjamim Costallat foi um exemplo de escritor profissional que conseguiu, através de sua literatura, dinheiro, prestígio e sucesso, tornando-se um dos literatos brasileiros de maior sucesso da agitada década de 1920.

“Um nome na *bérni*”<sup>9</sup>, “inegavelmente o escritor de maior circulação na América do Sul”<sup>10</sup>: eis como era descrito pelos jornais e revistas literárias do período. O sucesso de seus textos jornalísticos e as surpreendentes cifras de venda atingidas por seus livros despertaram o interesse do *Jornal do Brasil* que, em 1923, contratou o jovem escritor como cronista exclusivo do periódico. Segundo Nelson Werneck Sodré, foi oferecido a Costallat 500 mil-réis mensais, o maior salário pago até então a um jornalista. O cronista atuou no JB por mais de trinta anos, até 1961, ano de sua morte.

Consagrado nos círculos literários, Benjamim Costallat lançou-se, em 1923, numa nova empreitada: associou-se ao empresário italiano José Miccolis e inaugurou a editora Costallat & Miccolis que, durante a década de 1920, se tornou famosa pela publicação de obras de visível apelo popular. Apesar da duração efêmera – a sociedade foi rompida em 1928 – a editora teve uma atuação marcante no cenário cultural carioca do período, publicando títulos e autores de grande sucesso.

Enquanto editor, Costallat dispensou grande atenção ao tratamento gráfico de suas publicações. Tal preocupação é afirmada pelo próprio escritor-editor na crônica *Um animador do livro*:

A edição é a indumentária do livro, a sua *toilette*. Saber vestir um livro com um bom gosto exato, em perfeita harmonia com a sua natureza, é tão difícil quanto bem vestir uma mulher. O tipo, o papel, a capa, a margem, o número de linhas por página... (COSTALLAT, 1934:100)

Esta preocupação é visível no tratamento dispensado às publicações por Costallat e seu sócio que, entre outros, privilegiaram um formato menor de livros, e empregaram margens mais amplas, além de fios e barras que serviam para ordenar o espaço gráfico. Além destas, outras estratégias foram adotadas pelos editores a fim de tornar suas obras atraentes a um amplo e diverso público leitor.

9 MAIA, João. Uma tarde com Benjamim Costallat. In: *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 18/09/1923.

10 SILVEIRA, Paulo. Madame Tartufo. In: *O Paiz*, 16 de outubro de 1924.

A editora abusou de títulos e enredos sensacionais. “Um crime no Rio de Janeiro”, “No país da volúpia”, “Mundo, diabo e carne”, “A cidade do vício e da graça”, “Os devassos”, “Virgem nua”: eis alguns títulos publicados pela Costallat & Miccolis.

Em relação aos escritores, eram privilegiados autores nacionais conhecidos do grande público, como Mauro de Almeida, Antonio Celestino, Patrocínio Filho, Ribeiro Couto e Orestes Barbosa. Muitos destes escritores, com experiência na imprensa jornalística da época como cronistas, adotavam uma linguagem ágil e direta em suas polêmicas narrativas sobre o submundo da capital brasileira. Pela editora, Costallat também publicou títulos de sua autoria, como *Mysterios do Rio*, *Historias de Bonecos*, *Fitas* e o polêmico romance *Mademoiselle Cinema*.

A maior parte da produção editorial da Costallat & Miccolis compunha-se, dessa forma, por obras que, numa linguagem bastante acessível, tematizavam a cidade do Rio de Janeiro. A firma, no entanto, investiu também na publicação de livros infantis, crônicas políticas, manuais de língua estrangeira, além de alguns números da Revista da Academia Brasileira de Letras.

Além de autores e enredos polêmicos, o uso intenso de ilustrações correspondia a outra marcante característica das edições da Costallat & Miccolis. As publicações da empresa tornaram-se famosas pelas capas ilustradas e coloridas, impressas em duas ou quatro cores e assinadas por famosos caricaturistas e artistas plásticos brasileiros, como Di Cavalcanti, Cornélio Penna, Jefferson, J. Carlos, Luiz e Tarquino.

Os livros editados pela Costallat & Miccolis caracterizavam-se também pela encadernação em brochura, que barateava o preço das publicações. O valor das obras, que variava entre 4\$000 e 10\$000, tornava-as ainda mais atraentes ao público leitor.

Acompanhando as alterações introduzidas na imprensa brasileira e conhecendo o grande alcance deste meio de comunicação, Costallat adotou ainda inúmeras estratégias publicitárias, como divulgar a quantidade de milheiros vendidos e estimular a polêmica em torno de seus livros a partir de artigos publicados em jornais de grande circulação.

Os reclames eram, em geral, marcados pelo teor sensacionalista que desejava conferir às obras. O anúncio de lançamento do livro *Mundo, Diabo e Carne*, de Patrocínio Filho, afirmava que o leitor encontraria na obra “o jogo, a politicagem e a pirataria nos seus aspectos mais emocionantes”.<sup>11</sup>

Os próprios livros eram utilizados para divulgar a produção editorial da Costallat & Miccolis, possuindo páginas dedicadas ao reclame das obras. Em geral, eram listados, com breves descrições, os livros “à venda” ou “no prélo”. Algumas obras, sobretudo “lançamentos” e “edições comemorativas”, recebiam um tratamento especial: eram dedicadas uma ou mais páginas à sua promoção.

Os reclames, em geral, exaltavam os seguintes aspectos do livro: o caráter ousado da narrativa; a popularidade e o caráter polêmico do autor; a presença de ilustrações e o nome do artista responsável; além dos milheiros vendidos e da edição em que se encontrava a obra.

---

11 O mais novo livro da editora Costallat & Miccolis - Mundo, Diabo e Carne, de Patrocínio Filho. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/10/1924.

*Ban-Ban-Ban*, de Orestes Barbosa, correspondia, segundo os editores, a um “interessantíssimo flagrante dos costumes do ‘bas fond’ carioca”, sendo um “livro de escândalo”. *A Virgem Nua*, de Hermes Jurema, era um “romance sensacional de imprevistos – história de paixão e de ardor, de amor e dor, arrojada e severa; obra de verdade e de emoções”. A divulgação de *A Medicina para todos*, por sua vez, destacava que era assinada pelo “eminente e popularíssimo clínico Nicolau Ciancio”.

“Faço livros para os leitores, para o povo, meu amigo (...) o que o povo quer ler”<sup>12</sup>: assim Costallat definiu, em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, o que norteou sua atividade editorial. Autores conhecidos do grande público, títulos e enredos polêmicos, capas ilustradas, encadernações em brochura, intenso reclame: estas estratégias, que caracterizaram a bem-sucedida atuação editorial de Benjamim Costallat, nos demonstram sua preocupação com a boa aceitação das publicações.

Na década de 1920, o mercado editorial brasileiro vivenciou um período de profundas transformações e inovações. Nestes anos, surgiram nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, inúmeras casas editoriais que apostaram em edições populares caracterizadas, entre outros, pelas encadernações em brochura e pelas capas ilustradas. Disseminava-se entre os livreiros uma nova concepção do livro, que deixava de ser cultuado como objeto de luxo a ser consumido por uma minoria abastada e passava a ser entendido como um objeto comercial lucrativo a ser consumido por um amplo público leitor. Daí, a preocupação em tornar atraentes estas publicações com um projeto gráfico vistoso.

Alguns pesquisadores, como Alessandra El Far e Rafael Cardoso, destacam as últimas décadas do século XIX como o período em que teria se iniciado este processo de “popularização do livro”. Segundo estes pesquisadores, contribuíram para estas transformações os avanços tecnológicos vivenciados no final do século e o crescimento de uma população assalariada e alfabetizada nos centros urbanos, como Rio de Janeiro.

Os diversos avanços tecnológicos vivenciados na virada do século XIX para o XX, como a difusão da estereotípia e da litografia, a mecanização das prensas tipográficas e a difusão do papel fabricado a partir de polpa de madeira, baratearam a produção em larga escala. Além disso, devem ser destacados o crescimento dos centros urbanos e o estabelecimento de uma população assalariada e alfabetizada nestas cidades. Na capital republicana, os índices de analfabetismo, nas primeiras décadas do século, eram os mais baixos do país. Segundo Sylvia Damazio, em 1910, enquanto 80% da população brasileira era analfabeta, quase metade dos moradores do Rio de Janeiro sabia ler e escrever, inclusive muitas mulheres (DAMAZIO, 1996). Conscientes da existência deste público, muitos livreiros cariocas passaram a dispensar tratamento específico a seus livros a fim de atingir esta população assalariada e alfabetizada em constante crescimento. (EL FAR, 2004).

Daí, a disseminação dos volumes baratos, de leitura fácil e rápida, fartos de imagens e com enredos sensacionais. O texto impresso era levado para o cotidiano de uma parcela cada vez mais significativa da população brasileira (FAR, 2006). Segundo El Far, a atividade editorial de Benjamim Costallat representou o auge deste processo de popularização do livro.

---

12 “Nosso ilustre redator Sr. Benjamim Costallat”. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22/04/1924.

O processo de transformação editorial encontrava-se a pleno vapor nos agitados anos 1920. Trata-se, segundo Rafael Cardoso, de um “período de importantes mudanças na concepção e na confecção dos livros”, caracterizado por uma “evidente confluência de autores, editores e artistas gráficos em torno da modernização do meio editorial” (CARDOSO, 2005:176). A disseminação de uma nova concepção do livro e a reorganização comercial do meio editorial vivenciadas na década estabeleceram, segundo o pesquisador, as bases para o surto editorial identificado por Miceli e Hallewell na década de 1930.

O período compreendido entre a Grande Guerra e a década de trinta mostraram-se, portanto, de suma importância para a ampliação e consolidação do mercado editorial nacional. Como bem destaca Laurence Hallewell, a atividade editorial brasileira também foi beneficiada com a eclosão da Grande Guerra que teve um efeito estimulante sobre a indústria nacional, na medida em que produtos locais substituíam produtos importados não disponíveis (HALLEWELL, 2005). Esta “substituição de importações”, segundo Rafael Cardoso, ocasionou um período de *boom* editorial, com o surgimento de diversas novas editoras na década de vinte (CARDOSO, 2005:176).

Em São Paulo, a atuação de Monteiro Lobato enquanto editor é exemplar da transformação então em vigor. O autor de *Urupês*, buscando “entupir este país com uma chuva de livros” (LOBATO, 1951:7), se lançou à empreitada de editor em 1920, com a abertura da Monteiro Lobato & Cia. A ampla publicidade em jornais e a grande preocupação com a apresentação gráfica dos livros são apontadas por Hallewell como alguns dos “métodos revolucionários” da casa editorial. (HALLEWELL, 2005:326) O uso de artistas consagrados, como Di Cavalcanti, para ilustrar as capas de suas publicações também consistia numa característica marcante das publicações da Lobato & Cia.

Casas editoriais cariocas, como a Leite Ribeiro e a N. Viggiani, também se mostravam preocupadas em atingir um público cada vez mais amplo, investindo para isso em capas ilustradas e em autores polêmicos e populares. E foi por estas empresas que Costallat publicou suas primeiras obras, como *A luz vermelha* (1919), *Modernos* (1920), *Depois da meia-noite* (1922) e *Mutt, Jeff & Cia* (1922).

A polêmica atuação literária e editorial de Benjamim Costallat é, portanto, característica das profundas transformações, sobretudo no que diz respeito à concepção e à confecção dos livros, vivenciadas nos anos 1920. Tendo como preocupação basilar a recepção do texto e a aproximação entre público e obra, Costallat mostrou-se extremamente preocupado com o tratamento gráfico dispensado a suas edições a fim de torná-las atraentes a uma ampla gama de leitores. Dessa forma, teve uma atuação marcante no cenário cultural carioca do período, conquistando milhares de leitores com coloridas, ilustradas e polêmicas brochuras.

A sua obra de maior sucesso – e também mais polêmica – foi *Mademoiselle Cinema*, cuja primeira edição inaugurou os trabalhos da Costallat & Miccolis. O romance, escrito e editado por Costallat, contou com todas as estratégias por ele adotadas para ampliar seu público leitor: capas ilustradas, linguagem ágil e direta, além de um enredo bastante provocante e de um intenso reclame na imprensa da época. A história da melindrosa Rosalina, “menina de sua época e de seu meio” (COSTALLAT, 1999:44), “viciada, corrompida, gasta” (COSTALLAT, 1999:55) rendeu ao autor um processo por atentado à moral e aos bons costumes, além da apreensão dos livros.

O romance narra a história da Martins Pontes, família do Piauí que, levada pelo desejo do patriarca de seguir carreira política, se muda para o Rio de Janeiro. Na capital federal, o pai da jovem Rosalina, conhecida como *Mademoiselle Cinema*, se torna Ministro da República. O romance se inicia com o embarque da ilustre família da alta sociedade carioca à sua primeira viagem a Paris após o término do mandato do corrupto Sr. Martins Pontes. Durante a viagem, Rosalina, uma jovem fútil, ambiciosa e despudorada, que sonhava com a vida luxuosa das elegantes e sedutoras parisienses dos romances e das revistas de moda, conhece o escritor Roberto Fleta cujos livros lhe haviam despertado suas primeiras sensações de mulher e se torna sua amante.

Aos depravados e fúteis personagens de *Melle Cinema*, Costallat reserva um final trágico, punitivo. Após meses dedicados a orgias e libidinagens pelas ruas de Paris, o pai de Rosalina, político eminente, morre numa das inúmeras casas de prostituição que frequentava na capital francesa. Fleta, amante da fútil protagonista, entrega-se ao vício da cocaína após ser abandonado pela jovem melindrosa. Após a morte de seu pai, *Mademoiselle Cinema* e sua mãe decidem retornar ao Brasil. Fugindo da agitação da Avenida e dos falsos pêsames do agitado centro, hospedam-se na casa de parentes na Ilha de Paquetá. É lá, na idílica ilha, que a jovem experimenta pela primeira vez em toda a vida as sensações de um verdadeiro amor, ao conhecer o artista Mario Rossi.

À protagonista, Costallat nega, como punição, a possibilidade de viver este verdadeiro e sincero amor na tranquila ilha da Baía de Guanabara. Pedida em casamento pelo artista, Rosalina decide abandonar o amado e voltar à sua vida de luxos e orgias.

Mas isso era impossível!

Ela, a Melle. Cinema, ela, a *garçonne* americana; ela, a pequena leviana do século do *shimmy*; ela, a criaturinha 1921, educada ao som do *jazz*; ela, a pequenina impudica e pecadora, profissional do flirt, da dança e do sorriso – ela, ela, mãe de família!

Um louco absurdo! (COSTALLAT, 1999:151)

Através de Rosalina, Costallat representava a mulher moderna da década de 1920. Nestes vertiginosos anos, a mulher, sobretudo a de elite, assumiu posturas mais críticas em relação ao seu papel na sociedade. Elas se livraram do espartilho, começaram a utilizar calças, cortaram os cabelos *à la garçonne* e tomaram as ruas da cidade dirigindo suas “baratinhas”. A história da moderna e despudorada Rosalina provocou grande polêmica, sendo acusada de pornográfica e obscena.

Benjamim Costallat aproveitou a polêmica gerada em torno do caráter pornográfico de *Mademoiselle Cinema* para aguçar a curiosidade do público e aumentar ainda mais as vendas do livro. Em agosto de 1923, o escritor assinou um artigo no *Jornal do Brasil* em que reclamava da campanha de algumas senhoras da sociedade contra a “imoralidade” reinante em seus livros, inclusive *Mademoiselle Cinema*, ainda no prelo. No artigo, do qual destacamos abaixo um trecho, Costallat atacou a hipocrisia da sociedade moderna carioca e defendeu sua Rosalina das acusações de pornográfica e imoral que lhe eram feitas.

Há tanta coisa, por aí, pior do que os meus piores livros! E o mais engraçado é que, o que essas senhoras pretendem eu pretendo também... Temos os mesmos fins. Mas por caminhos diversos... Reagir contra a sociedade atual, ridícula e invertebrada, sem moral e sem princípios, estou de pleno acordo! Mas, nos costumes de hoje, façamos uma limpeza de verdade. Não com espanador só por cima dos móveis e sim com vassoura, creolina e balde pelo chão. As ilustres senhoras serão capazes de me acompanhar? Eu estou pronto! Daqui mesmo destas colunas, com ar de quem faz crônica, eu tenho dito muitas verdades sobre a moralidade, ou melhor, a imoralidade dos nossos dias. Não tomo atitudes de quem quer modificar o mundo. Mas tenho registrado com bastante violência o que se passa por aí... Não é a literatura, minhas senhoras, a principal causa da decadência dos costumes. Atribuir a ela todos os males será colocar o carro antes dos bois. Uma literatura, diremos assim, escandalosa, presume uma sociedade mais escandalosa ainda...

[...] Não é possível, pois, que, encarando a sociedade atual, barbada de vícios, bigoduda de vergonha, nós os escritores a apresentemos de cara raspada imberbe e coradinha. Não é possível! Logo, a literatura dita de escândalo é apenas o registro de escândalos preexistentes. Nada mais. E as ilustres senhoras que tão lastimavelmente confundem “causa” com “efeito”, se esquecem antes de arranjar a apreensão de livros que ainda não saíram, de mandar fechar os cinemas, as casas de chá, as casas... sem chá, os *dancings* e tanta coisa pior que a sociedade aceita sem protesto e sem reclame.

[...] E as danças que se dançam por aí? E os namoros que os pais permitem? E a liberdade que têm as mulheres? E os *ménages à trois*? E as criaturas mais do que duvidosas, recebidas na altíssima sociedade? E essas *toilettes* com que se despem, em plena rua, dando-nos um “Bat-clan” de graça, as meninas de família?

Nada disso é imoral. Imorais são as “Mlles.Cinema” que andam por aí. Imoral é a “Mlle.Cinema” que eu estou escrevendo. Muito honrado... Mas não concordo...<sup>13</sup>

A resposta não tardou. Dias depois, *O Imparcial* publicou um artigo, intitulado “Imoralidades – Resposta ao Sr. Benjamim Costallat” e assinado por Carvalho, contestando os fins moralizantes afirmados pelo escritor de *Melle Cinema*. Carvalho declarava ainda serem os maus livros os causadores da decadência dos costumes e incitava Benjamim a moralizar seus escritos para então esperar a respeitabilidade das senhoras da sociedade.<sup>14</sup>

Poucos dias depois, Costallat publicou um novo artigo em que afirmava ter recebido uma carta de uma senhora que confessava ser a verdadeira autora dos artigos contra ele. O escritor reafirmava ainda a sua intenção de sanear a moral brasileira a partir do relato de seus terríveis casos.

13 COSTALLAT, Benjamim. Immoralidades... In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19/08/1923.

14 CARVALHO. Imoralidades – Resposta ao Sr. Benjamim Costallat. In: *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 23/08/1923

Vamos, porém, fazer moral de outra forma, minhas ilustres senhoras. Não é com esses meios, de dentuças arreganhadas para cima da gente, descabeladas e furiosas, pregando moral com insultos e com desaforos, que haveis de conseguir alguma coisa! A moral é uma senhora, cheia de dignidade e de paciência, que convence sem gritos e sem berros. É uma senhora, sisuda e respeitável, que não vem nem pela imprensa insultar, nem caluniar, nem ofender! A moral convence por si. Não se despenteia quando fala, nem coloca a faca no peito dos outros quando quer catequizar. Ela é serena porque é forte... A moral é o próprio Cristo que pregou a bondade, a caridade e o amor, em voz meiga e persuasiva, o que não impediu que essa doce voz, sem aspereza e sem insultos, fosse ouvida até hoje através dos séculos e dos tempos... Não façais, pois, da moral uma megera antipática e insolente. [...] Consolidai o bom nome da família brasileira - exemplo entre as outras, da honra, da honestidade e do heroísmo – apenas imitando o que o passado nos legou. O lindo passado, o lindo tempo antigo, em que a família só por si era toda uma religião, em que havia carinho e respeito, sem necessidade de *meetings* e de polêmicas. Sede esposas e sede mães. Apenas...<sup>15</sup>

Não é difícil, então, compreender o sucesso de vendas alcançado pela *garçonne* brasileira que, em três anos, atingiu na sua quinta edição os sessenta mil exemplares vendidos. O título com que *A Notícia* anunciou o novo livro de Costallat, “*Um livro destinado ao escândalo e ao sucesso: Mlle Cinema, de Benjamim Costallat*”, é bastante sugestivo da polêmica que precedeu a publicação do romance.

As divergências quanto ao romance e às intenções do escritor continuaram com a publicação do livro. Segundo o acadêmico Mário de Alencar, tratava-se de um “tratado de perversão” que deveria ser perseguido em nome da moral da família brasileira.

Nas páginas de *Mlle Cinema*, embora velado no brilho e nas cores da esthesia, está todo um tratado de perversão. O autor quer extinguir costumes condenáveis e, no entanto, divulga-os. É o mesmo que dizer a uma donzela: “Não faças o que este livro ensina.” E dar a ler o *Kama Sutra*. [...] Enfim, é um livro prejudicial. E a prova disso é o escândalo que desde já está provocando.<sup>16</sup>

Seu colega de Academia, Medeiros e Albuquerque, não concordava com este diagnóstico. Segundo ele, *Mademoiselle Cinema* constituía “sem dúvida, o melhor livro” de Costallat, tratando-se de uma “obra muito realista e de alto valor artístico” que retrata “tipos [...] comuníssimos” da sociedade carioca. O acadêmico se referia ainda a Benjamim como sendo “o Leopoldo Fróes da literatura nacional” pois “se cada espetáculo do ator é uma casa cheia, cada obra do autor é um sucesso de livraria; ambos têm um público muito deles, um público de elite, quase que inteiramente feminino” e “ambos repro-

15 COSTALLAT, Benjamim. *Moralidades*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26/08/1923.

16 ALENCAR, Mario. Um livro escandaloso: *Mlle Cinema*. In: *Vanguarda*, Rio de Janeiro, 19/11/1923.

duzem a vida tal como é, com a mais completa naturalidade de expressões”. Segundo ele, Benjamim deveria “figurar ao lado dos melhores escritores em língua portuguesa”.<sup>17</sup>

Poucos meses após sua publicação, o romance foi apreendido das livrarias da cidade por determinação do promotor Gomes de Paiva em atendimento ao pedido da Liga pela Moralidade. A Liga Anti-Pornografia que, anos mais tarde, se tornaria a Liga pela Moralidade, foi fundada em 1912. Nestes anos, ganhava espaço um discurso contra a venda de publicações pornográficas, tidas como prejudiciais ao progresso moral e social da capital federal (EL FAR, 2004). A Liga pela Moralidade, que se vinculava à bastante influente União Católica Brasileira, possuía como missão salvaguardar a moral combatendo a pornografia em todas as suas manifestações. Seus membros buscavam censurar panfletos licenciosos ou mesmo peças de teatro que consideravam pornográficos.

Em 1923, ano de publicação de *Mademoiselle Cinema*, o diretor da Liga pela Moralidade era o Doutor Pio Benedicto Ottoni, ex-suplente da polícia do distrito federal que, durante seu mandato, se destacara no combate a tudo o que fosse imoral ou libidinoso e atentasse contra os bons costumes da família brasileira.

O grande sucesso da jovem despudorada scandalizou os membros da Liga que, amparados pelo decreto-lei de número 4743, dirigiram-se aos tribunais, exigindo a apreensão do romance, tido como indigno de um país civilizado. O decreto, promulgado em outubro de 1923, proibia a venda e a circulação de “livro, folheto, periódico ou jornal, gravura, desenho, estampa, pintura ou impresso de qualquer natureza, desde que contenha ofensa à moral pública ou aos bons costumes”<sup>18</sup>. O decreto previa ainda como pena desde o confisco do material até a prisão dos infratores.

Em resposta ao pedido da Liga, o promotor Gomes de Paiva determinou a apreensão dos exemplares de *Mademoiselle Cinema* das estantes da livraria Leite Ribeiro, uma das mais importantes do Rio de Janeiro. A apreensão, exaustivamente noticiada pela imprensa carioca, suscitou profundas discussões em torno do caráter obsceno dos romances.

O livro objetivado não é, evidentemente, dos que possam servir de ponto de partida para providências dessa ordem. Os nossos mercados de livros estão abarrotados de publicações profundamente vexatórias para uma pudicícia mesmo calejada.

De resto, a literatura acompanha a marcha dos costumes. A sociedade atual não nos parece, a tal respeito, edificante. Desde as modas até os costumes, tudo nos prova que as noções de pudor e os princípios de moral não podem ser encarados com o mesmo rigorismo antigo. Haja visto o cinematógrafo e as fitas modernas da fabricação americana.

[...] No meio de tudo isso, visar um livro e querer, pela sua apreensão, corrigir os costumes, deixando em paz muitos outros livros infinitamente mais licenciosos e não incomodando os círculos sociais que todos esses volumes refletem, eis aí um ato que não nos parece justo, nem eficiente.

17 ALBUQUERQUE, Medeiros e. Mlle Cinema. In: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10/02/1924

18 Art.5 parágrafo único do decreto número 4743, de 31 de outubro de 1923. *Collecção das leis*. Rio de Janeiro, imprensa Nacional, 1924, p.169.

Verdade que a caturrice dos moralistas é um fenômeno de origem pré-histórica. Talvez por isso venha alcançar um volume que, como *Melle. Cinema*, apareceu há mais de oito meses e do qual se venderam, até agora, mais de vinte e cinco mil exemplares.<sup>19</sup>

No prefácio da primeira edição de *Mademoiselle Cinema*, Costallat previa a resistência que sua *garçonne* encontraria na ala mais conservadora da sociedade.

Vão gritar contra o escândalo!  
De apito na boca vão apitar para a moral, como se a moral fosse uma espécie de guarda noturno, postado numa esquina, à disposição de qualquer apito!  
É fatal!  
Há criaturas cuja única ocupação é espernear. É um passatempo como outro qualquer...  
Esta *Melle. Cinema* vai, pois, fazer espernear muita gente.  
Que esperneiem, à vontade, é o que eu desejo. Esperneiem e continuem a gritar, em altos brados, que sou um escritor pornográfico. Não faz mal. (...) *Melle. Cinema* vai ser, pois considerado um livro escandaloso e imoral. (COSTALLAT, 1999:29)

O autor defendeu exaustivamente a sua Rosalina. Argumentava que, apesar de meios distintos, possuía os mesmos objetivos da Liga: salvaguardar a moral e os bons costumes da família brasileira. Afirmava ter por objetivo dissecar a sociedade para mostrar-lhe os males e vícios em que se encontrava mergulhada. No mesmo prefácio, este argumento já surgia como uma defesa para as futuras acusações.

Se a pornografia, porém, é ser sincero; se a pornografia é apontar as coisas como são e não como parecem ser; se a pornografia é passar o bisturi nos bonecos humanos e fazer-lhes pular o pus para fora; se a pornografia é ir até as entranhas das criaturas e dissecá-las, impiedosamente, para bem da verdade; se a pornografia é levantar a virtude, digna e altiva, diante do vício em ceroulas e imundo; se a pornografia é engrandecer a dignidade humana, mostrando, em contraposição às pessoas limpas, aquelas de pés sujos, que não tomam banho; se a pornografia é transformar um livro num chicote e chicotear com ele os costumes de uma sociedade inteira; se a pornografia é tudo isso – sejamos pornográficos, eu quero ser pornográfico e viva a pornografia! (COSTALLAT, 1999:30)

Dois dias após a apreensão dos exemplares, Costallat publicou um artigo no *Jornal do Brasil*, reiterando o caráter moralizante de sua obra e afirmando ter sido o sucesso atingido por *Melle Cinema* o verdadeiro responsável pela apreensão do livro.

É em juízo que eu vou defender esta *Melle. Cinema*, produto do meu amor à verdade, do meu desprezo pela hipocrisia, da minha veneração

19 A apreensão de *Melle. Cinema*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/08/1924.

pela família brasileira, que eu quis defender mostrando a nu a triste época e os tristes costumes por que passamos – é em juízo que eu vou defender a minha obra, cujo maior crime foi ter alcançado o sucesso que alcançou!

O sucesso é o maior dos crimes para os invejosos. E é por causa deste crime que Melle Cinema foi apreendida e vai ser processada!

Por que, então, não apreendem e não processam os milhares de livros escabrosos e imorais, que dormem o sono tranqüilo do anonimato nas prateleiras dos livreiros?

Por quê?

A única culpa de Melle Cinema foi ter tido a ampla repercussão que teve.

A imoralidade é um simples pretexto. E um mau pretexto, porque o livro nada tem de imoral.

Qual imoralidade, qual nada!

O que verdadeiramente incomodou em Melle Cinema foi o número de suas edições, foram os seus 25 milheiros, foi seu êxito comercial.<sup>20</sup>

No mesmo artigo, o escritor também dirigiu duras críticas à atitude da polícia carioca que apreendeu, sem qualquer intimação prévia, os exemplares de seu romance da Livraria Leite Ribeiro.

Presos, autuados, os dois livreiros tiveram que prestar fiança para se defenderem, soltos, do grande delito de terem em sua casa, à venda, um romance conhecidíssimo de um escritor brasileiro.

É de presumir que uma livraria venda livros e não batatas.

Pois bem. Sem aviso prévio, sem um prévio “índice” da polícia que diga quais são os livros que podem ser vendidos, quais os que o não podem ser, as livrarias estão na iminência de serem, diariamente, tomadas de surpresa por apreensões como a de anteontem. Aliás, anteontem, todas as livrarias tinham *Melle Cinema* à venda. Mas escolheram como vítima a Livraria Leite Ribeiro, a única das livrarias do Rio realmente brasileira, pelos seus capitais e pelos seus proprietários...

É por essas e outras que, às vezes, eu chego a duvidar do meu próprio país.<sup>21</sup>

A polêmica sobre as acusações da Liga pela Moralidade permeou as páginas dos jornais brasileiros e dividiu opiniões. A pesquisadora Daniela Hoffbauer sublinha que, se por um lado, encontravam-se os defensores de Costallat, que admiravam o seu estilo literário e defendiam o caráter realista e moralizante de seus livros; havia, por outro, importantes intelectuais que, ao lado da Liga da Moralidade, denunciavam a pornografia, a imoralidade e a pobreza da literatura feita pelo jovem escritor de Paquetá. (HOFFBAUER, 2000:125)

---

20 COSTALLAT, Benjamim. A apreensão de Mademoiselle Cinema. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15/08/1924.

21 COSTALLAT, Benjamim. A apreensão de Mademoiselle Cinema. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15/08/1924.

Paulo Silveira, em artigo intitulado *Madame Tartufo*, numa clara alusão ao hipócrita personagem de Molière, discorre sobre o caráter duvidoso de Pio, diretor da Liga da Moralidade, e sobre a sua atitude ao perseguir *Melle Cinema*.

Sei que esse moço atende pelo caridoso nome de Pio, tem vinte e nove anos de idade, usa bigodinho ralo, implicante; veste fraque bacharelístico, tem voz fanhosa, de escorropicha-galhetas, calça os pés em botinas de elástico, compra passagem de ida e volta para Itapiru, conversa sobre a carestia da vida com o Mendonça do “Círculo Católico”, lê romances de *jeune-fille* na rua, e em casa delicia-se com o pornográfico de Paulo de Kock, fuma cigarros Elite e compra o importantíssimo *Jornal do Commercio*. O Sr. Pio é, afinal, um homem sisudo, compenetrado do seu papel de *boy-scout* da *Salvation Army* brasileira, que pretende pregar folha de videira em todo nu artístico que for sendo encontrado por esse mundo de Cristo. Esse é o grande programa de saneamento moral do Sr. Piopio, que está disposto a não dar mais trégua aos escritores que abusarem da ingenuidade da nossa sociedade...Nada de inconveniências indecentes nos livros brasileiros. Piopio quer que se escrevam coisas puras para serem lidas pelas solteironas que fazem *crochet*. Ele também pretende escoimar o nosso dicionário de certos termos feios. Vários vocábulos serão modificados em benefício da moralidade da família tupinambá...

*Oh! Lés bonnêtes gens!...Quelle canaille!* Esta frase é do Sr. Emile Zola (cruzes, demônio!) e marca como um sinete de fogo a anca estúpida dos falsos moralistas que vêm para a rua cabotinar as suas esquecidíssimas pessoas à custa dos trabalhos alheios. De fato, não há nada mais insuportável do que um homem que vive pelas esquinas, pelas sacristias e pelos jornais fazendo praça da sua honestidade. Cansa a gente o estar escutando a toda a hora os auto-elogios, à minha honra e ao meu caráter. Geralmente, os homens honrados e os homens de caráter não vivem fazendo reclame dessas virtudes morais.

[...] São essas e outras coisas que tiram aos nossos literatos o apetite de escrever. Escreva a gente um livro de arte pura, onde a vida só vibre através de pinceladas de ouro, para se sujeitar ao juízo crítico de um desconhecido Pio, que se arvora em censor para defender uma moral pública que vive por aí prostituída pelos teatros do Rocio, pelos *cabarets* e pelo carnaval. É um desafio.

[...] Uma obra imoral?!... Faça-me o Sr. Pio o favor de dizer o que é uma obra imoral. Pelo seu critério, o mesmo critério que serviu para a apreensão da sapequíssima *Melle Cinema*, a Bíblia deveria ser confiscada. Eu não conheço livro onde a volúpia floresça com mais requinte e mais escândalo do que nesse sagrado volume onde o *Cântico dos cânticos* todo se canaliza em ânsias sumarentas de gozo e de prazer.

[...] Vejam os que me lêem como vão se tornando impossíveis nesta terra as profissões de escritor e de livreiro. Basta uma pequena antipatia do Sr. Pio para se tolher num minuto a liberdade de qualquer dono de livraria.

[...] Escrevi este artigo para protestar contra a apreensão do livro do

Sr. Benjamim Costallat, que, além de ser uma obra de realidade e de palpitante atualidade, merece as considerações da crítica do meu país. Por mais que a invejem os anêmicos escritores desta terra, *Melle. Cinema* é um livro que encerra esplêndidas qualidades de fabulação.<sup>22</sup>

O acadêmico Medeiros e Albuquerque, responsável pela coluna *Ordem do Dia* do *Jornal do Brasil*, mostrou-se fervoroso defensor de Costallat, dedicando mais de dois artigos à polêmica em torno do romance. Num deles, a partir do relato de um episódio ocorrido num Congresso internacional de combate à pornografia, o jornalista assinalava a hipocrisia destes guardiões da moral.

Em um Congresso para combater a pornografia, e que o Brasil mandou como representante Souza Bandeira, houve quem falasse em jornais pornográficos. Souza Bandeira, em aparte, disse que isso não existia entre nós. Imediatamente, sem consultar uma nota, Béranger interveio da Presidência perguntando:

- “E o Rio-Nú”?

Béranger conhecia a fundo a revista brasileira que o brasileiro nunca lera. Como são imorais os moralizadores!<sup>23</sup>

Em outro artigo, publicado poucos dias depois, o intelectual criticava o pedido dos “fanáticos” membros da Liga e denunciava a ineficácia de atitudes como esta.

Os processos literários até hoje só têm servido para consagrar as vítimas das sentenças e mergulhar no ridículo os juízes que as lavram. Aí estão as *Flores do Mal* e vários livros célebres, que há muito tempo, por uma revisão tácita das suas condenações, voltaram a incluir todos os trechos que os juízes tinham mandado cortar.

As sentenças pouco duraram. O que ficou para sempre foi o ridículo sobre os juízes que as deram e cujos nomes são sempre lembrados com justo escárnio...<sup>24</sup>

Rosalina foi, finalmente, absolvida da acusação de imoral pelo mesmo promotor que, meses antes, determinara a apreensão de seus exemplares. Em setembro de 1924, o *Jornal do Brasil* noticiou com grande entusiasmo a absolvição do seu “brilhante colaborador Benjamim Costallat”. Tratava-se, segundo o artigo, da “única solução possível, visto que só ela era justa”. Conforme o jornal, o promotor Gomes de Paiva afirmou em seu parecer ter *Melle Cinema* como objetivo “apenas descrever os defeitos da educação moderna, mostrando os seus inconvenientes, para corrigi-los”.<sup>25</sup>

O sucesso e repercussão de *Melle. Cinema* foi tanta que, em 1925, a diretora e atriz Carmen Santos, diva cinematográfica dos anos 1920, decidiu levar o romance para as telas do cinema. As filmagens, porém, foram interrompidas definitivamente após um

22 SILVEIRA, Paulo. Madame Tartufo. In: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16/10/1924.

23 ALBUQUERQUE, Medeiros e. Ordem do Dia. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/08/1924.

24 *Id.* Ordem do Dia. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28/08/1924.

25 *Mlle Cinema* e a justiça. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/09/1924.

incêndio destruir todo seu estúdio. As suspeitas recaíram sobre o noivo da atriz, que estaria com ciúmes do papel.

Em três anos, *Mademoiselle Cinema* atingiu a cifra surpreendente de 60 mil exemplares vendidos. Jornais de todo o país disputavam uma foto da família Costallat ou uma entrevista com o escritor, dedicando ao popular literato inúmeras páginas. No decorrer dos anos, porém, a colaboração de Benjamim Costallat nas páginas literárias dos jornais brasileiros diminuiu drasticamente assim como o destaque a ele conferido pela imprensa. Em 1959, foi publicada no *Jornal do Brasil* sua última crônica, sobre o Aterro do Flamengo e a SURSAN. No completo esquecimento, faleceu dois anos depois, tendo os jornais dedicado poucas linhas à sua morte.

Em crônica publicada poucos dias após a morte de Costallat, Brito Broca discorreu sobre o esquecimento a que se encontrava relegado nos últimos anos de sua vida o outrora popular jornalista e escritor carioca.

Para a literatura brasileira, Costallat já tinha morrido muito tempo antes da moléstia que o flagelou durante mais de dois anos. Se ainda escrevia, há uns quatro ou cinco anos atrás, suas crônicas passavam despercebidas. O público já não lhe dispensava atenção.

[...] Esse escritor, que morreu completamente esquecido, foi o mesmo que entre 1920 e 1930 mais ou menos dispôs do maior público no Brasil, as edições dos seus livros se esgotavam, tinha sempre os retratos nos jornais, os repórteres a lhe pedirem entrevistas.

[...] Mas hoje quem se lembra de Mlle Cinema? A verdade é que a obra de ficção de Costallat, apesar dos propósitos sensacionalistas que lhe atribuíam, tinha certo mérito literário. E como cronista deixou ele em três livros o documento de uma época.<sup>26</sup>

Morto no esquecimento e excluído do cânone literário, atualmente pouco se conhece sobre este outrora popular escritor brasileiro e sua obra. Nos últimos anos, porém, estudos historiográficos vêm buscando requalificar a década de 1920 do ponto de vista cultural, assinalando a existência de outras tendências literárias e artísticas além do Modernismo. Questionados o marco de 1922 e o papel da vanguarda paulista como referenciais exclusivos da cultura brasileira dos anos 1920, abriu-se espaço para estudos de diversas vertentes artísticas e literárias produzidas nas mais diversas localidades brasileiras, notadamente na capital republicana.

Entre esses estudos, incluem-se aqueles que se debruçaram sobre a intelectualidade carioca na década do modernismo, como *Essa Gente do Rio*, de Ângela Castro Gomes, e *Modernismo no Rio de Janeiro*, de Mônica Pimenta Velloso, que buscaram identificar, na capital republicana, traços de um modernismo carioca; além dos inúmeros estudos sobre as propostas artísticas do período anterior ao movimento, o pré-modernismo, como *Gregos e Baianos* de José Paulo Paes e *Sobre o Pré-Modernismo*, organizado por José Murilo de Carvalho.

É válido destacar que, na década de 1990, nesta revisão do cânone literário em voga, dois famosos livros de Costallat foram reeditados: o livro de crônicas *Mysterios do Rio*, pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, em 1995; e seu romance *Ma-*

26 BROCA, Brito. *Costallat e Mlle Cinema*. In: *A Gazeta*, Rio de Janeiro, 09/03/1961

*demoiselle Cinema*, pela Casa da Palavra, em 1999. Nos últimos anos, estudiosos de diversas áreas, principalmente da literatura e da comunicação, vêm desenvolvendo estudos sobre este escritor-editor que, seduzindo uma quantidade surpreendente de leitores, foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros da década de vinte.

### Bibliografia:

- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 4ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CARDOSO, Rafael (org.). *O design brasileiro antes do design*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- CARVALHO, José Murilo de (org.). *Sobre o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.
- COSTALLAT, Benjamim. *Da letra F, no. 2*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Niccolau Viggiani, 1919.
- \_\_\_\_\_. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Mutt, Jeff & Cia*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.
- \_\_\_\_\_. *O.K. crônicas*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934.
- DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- FAR, Alessandra El. *O livro e a leitura no Brasil*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2005.
- HOFFBAUER, Daniela Salzano Hungria. *Benjamim Costallat: costumes cariocas nos anos 20*. 2000. 231f. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1951, v.2.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PAES, José Paulo. *Gregos e Baianos*. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985,.

- PASSIANI, Enio. “Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato, o público leitor e a formação do campo literário no Brasil”. In: *Sociologias*, Rio Grande do Sul: UFRGS, no 7, pp. 254-270, 2002.
- PORTOLOMEOS, Andrea. *A crônica de Benjamim Costallat e a aceleração da vida moderna*. 2005. Tese. Universidade Federal Fluminense-UFF, Rio de Janeiro.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.